



Argumentação e aquisição da Libras

Jornal da Universidade / 14 de dezembro de 2023

Linguística, Letras e Artes | Ana Clara Jardim da Silva e Alessandra Jacqueline Vieira refletem sobre a construção do conhecimento em crianças surdas

*Por Ana Clara Jardim da Silva e Alessandra Jacqueline Vieira

*Foto: Marcelo Pires/JU

Nesta edição, o JU apresenta uma série de artigos com relatos de pesquisas premiadas no último Salão de Iniciação Científica (SIC). Dessa forma, destacamos a pluralidade do conhecimento produzido na Universidade e a importância da formação de jovens pesquisadores para o desenvolvimento e a qualificação da ciência brasileira. Clique [aqui](#) para acessar todos os artigos.

A linguagem é o meio pelo qual todos nós nos constituímos sujeitos. Sem ela, não conseguimos interagir com o outro e com o ambiente ao nosso redor. Além disso, a entrada na língua, ainda quando crianças, nos permite organizar o nosso pensamento e adquirir conhecimentos sobre o mundo.

Para a maior parte das crianças, essa aquisição ocorre de forma completa até os cinco anos de idade. Para crianças ouvintes, isso acontece mediante a recepção de estímulos auditivos que vão sendo distinguidos, compreendidos e (re)produzidos pelo falante em desenvolvimento, até que tenha domínio do funcionamento da língua materna. Mas como isso ocorre para as crianças surdas?

A Psicologia Histórico-cultural nos diz que os sujeitos podem ter modos de funcionamento diferentes a depender de seus contextos de vivência. No caso das crianças surdas, elas irão compreender e interagir com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da língua de sinais. Se tiverem acesso a ela desde o nascimento, também terão uma aquisição típica. Não é essa, entretanto, a realidade observada em nosso país, onde 90% das crianças surdas nascem em lares de pais ouvintes. Assim é comum que a criança surda venha a ter acesso à sua língua materna somente ao ingressar na escola, após os 6 anos de idade.

Buscando minimizar os impactos da aquisição tardia da Libras e os atrasos linguísticos acarretados por ela, encontramos na argumentação um recurso privilegiado para estimular o funcionamento da linguagem. Conforme nos apresenta o extenso conjunto de estudos realizados pela pesquisadora Selma Leitão, há diversas comprovações de que o ato de argumentar aciona uma série de mecanismos linguísticos, dialógicos, dialéticos, reflexivos e cognitivos – essenciais ao desenvolvimento da criança.

Sobretudo o aspecto dialógico é de suma importância para nós, pois, no período de aquisição da linguagem, a relação de contraste e reciprocidade com o outro é essencial para que a criança se veja como sujeito na língua.

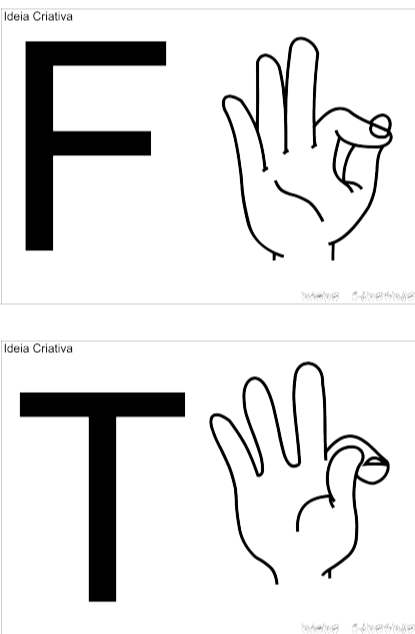
Assim, o objetivo do nosso trabalho consiste em analisar os discursos argumentativos de crianças surdas, buscando identificar as ações que geram esse encadeamento de enunciados e de que forma isso se converte em metodologia de aprendizagem, auxiliando na aquisição da Libras e nos conhecimentos educacionais.

Para isso, realizamos coletas de dados em três escolas bilíngues para surdos de Porto Alegre. Foram realizadas oficinas com turmas das séries iniciais do ensino fundamental, contabilizando 25 sujeitos entre 6 e 13 anos. Foram registrados contextos de interação entre os estudantes estimulados por brincadeiras e desenhos, discussões provocadas por narrativas literárias infantis e situações naturalísticas nas quais as crianças interagiam livremente.

A partir da análise do corpus linguístico, baseando-nos na unidade triádica descrita por Selma Leitão (argumento – contra-argumento – resposta), pudemos chegar a algumas conclusões importantes.

Primeiramente, é possível identificar quando as crianças estão argumentando porque se cria, no discurso, um processo de negociação, caracterizado pela defesa de pontos de vista, no qual conhecimentos sobre o mundo são formulados, revistos e transformados, conforme postulados de Leitão. Essa atividade exige movimentos de reflexão, retomada de enunciados e leitura do contexto, o que também ocorre quando estamos enunciando ou mesmo aprendendo.

Isso pode ser exemplificado em um dos dados coletados, em que as crianças estão sentadas observando a contação da história “O Curupira Surdo”. Ao final do livro, encontra-se a palavra “F-I-M”. Um dos alunos se prontifica a realizar a datilologia da palavra, mas o faz incorretamente (produz “T-I-M”). O colega realiza uma avaliação negativa sobre o que foi dito (argumento) e é desafiado pelo aluno oponente por meio de uma objeção (contra-argumento), fundamentada no fato de que está se dirigindo à professora. O proponente responde de forma a retomar o seu argumento inicial e, a partir daí, um fluxo de enunciados encadeados segue-se enquanto há incongruências, inclusive com a participação de outros colegas. O fluxo é interrompido quando os professores concedem informações sobre os traços distintivos da configuração de mãos (unidade fonológica) de F e T em Libras, conforme é possível observar abaixo.



Aqui também percebemos dois movimentos característicos da argumentação em sala de aula, conforme Leitão: argumentar para aprender e aprender a argumentar. Neste caso, o conteúdo em questão é Língua Portuguesa na sua modalidade escrita, trabalhado diariamente nas escolas bilíngues para surdos. Os movimentos de argumentação resultaram na construção do conhecimento acerca do alfabeto manual, mas também serviram como exercício discursivo acerca dos recursos linguísticos mobilizados nesse movimento.

Também nos chama a atenção o uso do gesto, da expressão facial e do espaço como estratégias argumentativas em Libras (multimodalidade), os quais permitem que a criança transpareça seu posicionamento no discurso, não necessitando necessariamente de formas linguísticas.

Os dados analisados pelo nosso estudo, em consonância com os resultados alcançados por Leitão, nos permitiram observar que, assim como nas línguas orais, nas línguas de sinais a argumentação também está presente no discurso espontâneo das crianças, mas, quando estimulada, possibilita a reflexão e a construção do conhecimento (ação epistêmica). Dentre as situações mais estimulantes, temos as oficinas de desenho e de contação de histórias, evidenciando, aqui, possíveis estratégias a serem exploradas em sala de aula para o estímulo da aquisição da linguagem e da aprendizagem.

Por fim, reconhecemos a necessidade da adoção de um olhar dialógico para dados de aquisição de crianças surdas, sobretudo na clínica fonoaudiológica de transtornos da linguagem, o qual nos permite enxergar o sujeito falante para além de suas limitações e valorizar sua posição de sujeito na língua.

Ana Clara Jardim da Silva é graduanda em Fonoaudiologia na UFRGS, técnica em administração pelo IFRS e bolsista de Iniciação Científica no Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Língua de Sinais (NEALLS).
Alessandra Jacqueline Vieira é professora adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS e doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP. Integra grupos de pesquisa relacionados aos estudos de Aquisição da linguagem (NEALLS, GEALin e NALINGUA).



As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.

Posts relacionados

- Afrocentricidade em saúde: uma abordagem holística para acolhimento e representatividade de pessoas ...
- Isadora dos Santos Rodrigues na resolução de conflitos
- Os direitos humanos em Natividade Saldanha
- Usinagem de acabamento de poliamida de ACR

INSTAGRAM: [@jornaluniversidadeufrgs](#) | REALIZAÇÃO: UFRGS SECOM | CONTATO: jornal@ufrgs.br